

Em busca de uma *práxis* em Educação Ambiental Crítica: Contribuições de alguns pesquisadores do Brasil

In search of a praxis in Critical Environmental Education: Contributions from some researchers from Brazil

Bárbara de Castro Dias

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ
barbara.dcd@gmail.com

Alexandre Maia do Bomfim

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ
alexandre.bomfim@ifrj.edu.br

Resumo

A pesquisa teve como objetivo a caracterização dos elementos que configuram a *práxis* de uma educação ambiental que se propõe crítica, com o intuito de fomentar reflexões de como vem se constituindo essa perspectiva no ensino de ciências no Brasil. Além de uma revisão bibliográfica baseada no aporte da teoria histórico-crítica e da pedagogia crítica, nossa principal contribuição é a realização de entrevistas com seis pesquisadores de produção teórica relevante, dentro do campo da Educação Ambiental Crítica no Brasil. As entrevistas que têm como objetivo a busca dos elementos da *práxis* de uma educação ambiental crítica, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e analisadas de maneira livre, com o objetivo de identificação desses elementos, que apontaram a necessidade da compreensão sobre as causas dos problemas socioambiental, a realização de um contraponto com a Educação Ambiental Conservadora, além da contextualização do problema socioambiental, considerando aspectos sociais, econômicos e políticos.

Palavras chave: Educação ambiental crítica, entrevista, *práxis*.

Abstract

The research aims to characterize the elements that constitute the practice of environmental education that aims criticism, in order to foster reflections as has constituted this perspective in science education in Brazil. In addition to a literature review based on the contribution of the historical-critical theory and critical pedagogy, our main contribution is to conduct interviews with six relevant researchers within the field of Critical Environmental Education in Brazil. The interviews that aim to search for elements of the *praxis* of a critical environmental education, were audio-recorded, transcribed and analyzed freely, with the goal of identifying such elements, which pointed to the need of understanding about the causes of the problems environmental, conducting a counterpoint to the Environmental Education, beyond the context of the social and environmental problem, considering aspects social, economic and political.

Key words: Critical environmental education, interview, praxis.

Introdução

A Educação Ambiental (EA) vem constituindo seu campo no Brasil desde a década de 1970 Lima (2001), no entanto, para alcançarmos reflexões mais críticas, necessitamos de um referencial teórico que agregue ao entendimento das questões relacionadas ao ambiente, alguns elementos que, para além da visão das ciências naturais, some a essas visões a contribuição das ciências sociais. Ou seja, para construirmos uma reflexão crítica dos atuais problemas socioambientais, necessitamos de duas perspectivas, que são em verdade indissociáveis: a social e a natural.

Em relação às questões que tangem a EA e sua abordagem de maneira tradicional, pragmática, deslocada de discussões teóricas, para uma prática apenas utilitarista, são muitas vezes explicadas por essa visão imediatista com que em geral, se realizam os projetos quase sempre afastados de um momento de reflexão. Uma EA desenvolvida dessa maneira cumpre a função de perpetuar alguns interesses da classe dominante, realizando práticas em geral pouco contextualizadas, e que não permite reflexões mais profundas sobre as origens dos problemas socioambientais.

A apropriação de conhecimentos pertencentes às ciências sociais, por professores e educadores ambientais, interessados em desenvolver projetos de EA, insere elementos importantes à compreensão da origem dos problemas socioambientais, principalmente se tomados a partir do campo teórico e epistemológico da EA através da contribuição das teorias críticas em educação, da pedagogia crítica e da teoria histórico-crítica (marxista), que usamos como referencial teórico desse trabalho.

No entanto, quais outros elementos poderiam ser considerados pertencentes a práxis de uma EA que se propõe crítica? Essa é a pergunta que nos guiou no desenvolvimento dessa pesquisa. Retomando a própria trajetória da EA no Brasil, em direção aos seus conflitos, campos de disputa e divergências, baseada em leituras e releituras de suas práticas e teorias, propomos através dessa pesquisa a busca dos elementos que compõe a práxis em Educação Ambiental Crítica (EA Crítica).

A partir de um levantamento bibliográfico dentro da perspectiva da EA crítica, nós buscamos realizar uma breve reconstrução sócio-histórica associada a uma análise crítica, de como se formalizou o campo da EA no Brasil. Além dessa reconstrução, destacamos os principais elementos teóricos que deve possuir uma EA inserida na perspectiva da teoria histórico-crítica, nos apropriando desse referencial.

Além desse levantamento bibliográfico, a contribuição principal do nosso trabalho, foi a realização de entrevistas não diretivas, com alguns dos principais pesquisadores desta vertente crítica da educação ambiental no Brasil. Que teve o objetivo, levantar e destacar quais os elementos são indispensáveis a práxis de uma EA que se propõe crítica. Essas entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, de modo que a contribuição dos pesquisadores foi analisada de maneira livre, sem, no entanto, perdermos o objetivo de levantar e destacar os elementos da práxis de uma EA Crítica.

Essa pesquisa é basicamente de caráter qualitativo. Em nossa discussão, além de evidenciar os elementos da práxis de uma EA Crítica, apontamos os pontos convergentes e divergentes na fala dos diferentes entrevistados, de modo a não estabelecer um limite consensual, mas evidenciar um campo ainda em construção.

Referencial teórico crítico

Ao adotarmos a perspectiva da teoria histórico-crítica como referencial que orienta o nosso trabalho, nos colocamos ao lado daqueles que consideram que a teoria crítica marxista continua a ser uma concepção atual para a leitura de nosso mundo. As possibilidades de mudança em nossa sociedade passam pela compreensão, de quais são os posicionamentos políticos e ideológicos que nos orientam, e da busca por uma alternativa diferente, do modo desenvolvimento social que foi construído.

Em nosso referencial teórico seguimos autores que trabalham a teoria histórico-crítica desenvolvida dentro da perspectiva da EA [BOMFIM, (2008, 2011); DELUIZ; NOVICKI, (2004); DIAS e BOMFIM (2011); GUIMARÃES, (2007); LOUREIRO, (2004); LAYRARGUES, (1997)], além de autores que desenvolvem a crítica ao sistema do capital [MÉSZÁROS (2011)]; e a crítica relacionada a exploração da natureza [CHESNAIS e SERFATI (2003); FOLADORI (2001); FOSTER (2005); e LOWY (2005)].

Esse referencial nos permite assumir mais do que apenas a utilização de um referencial teórico, mas também de nos posicionamos de maneira contrária a essa construção política ideológica atual, uma vez que cabe ao marxismo a crítica ao sistema do capital. Outrossim, entendemos que uma EA que se propõe crítica, deve estar ancorada na teoria histórico-crítica, para realizar suas reflexões e ações.

Esta teoria se apropria do método do materialismo histórico e dialético, que propõe além de uma visão histórica, o material como base de sua análise para explicar o surgimento dos problemas sociais, enfatizando, sobretudo as contradições existentes em uma sociedade de classes. A partir desse método, entendemos que a sociedade atual é apenas um instante num todo ainda inacabado, construída em constantes conflitos de forças antagônicas, que levam a inevitáveis mudanças. Utilizando o método do materialismo histórico e dialético, entendemos que o que temos em termos de teoria e prática na EA, passou por uma construção sócio-histórica permeada, de processos políticos e ideológicos que fez a EA, vir a ser o que é hoje.

De acordo com Lima (2001) a formação do campo da EA no Brasil é deverás complexo, cabendo diferentes contribuições de inúmeras áreas do conhecimento, como por exemplo, a políticas, culturais, educacionais, social, econômicas, ecológicas, éticas e tecnológicas; que permitem associações com os saberes tradicionais, científicos, filosóficos, artísticos e religiosos; e pertencentes a diferentes setores sociais como o civil, o Estado e o privado.

Diante dessas inúmeras possibilidades de conteúdos filosóficos-políticos e teórico-metodológicos, dentro do que é comumente denominado EA, pretendemos diferenciar essas diferentes vertentes delimitando-as em dois grandes blocos: (1) as propostas de EA que apenas reproduzem uma teoria e uma prática hegemônica; (2) as propostas que possuem uma visão mais crítica.

Utilizaremos como base a classificação e a definição desenvolvida por Guimarães (2007) que intitulou de Educação Ambiental Conservadora (EA Conservadora) a corrente hegemônica, caracterizada por possuir uma visão mecanicista e utilitarista da ciência, simplifica os fenômenos complexos da realidade, além de não poder ou não querer revelar as relações de poder que estruturam a sociedade atual (luta de classes, relações de gênero, identidade, minorias étnicas e culturais, relação norte-sul).

Na concepção de Guimarães (2007), esta EA Conservadora, não tem potencial de alavancar as mudanças necessárias para a superação da atual crise socioambiental. Ele define então a Educação Ambiental Crítica (EA Crítica) como sendo contra-hegemônica, interdisciplinar, apropriando-se da teoria da complexidade para análise da crise socioambiental, além de

desvelar as relações de dominação que constituem a atual sociedade. Sendo esta então, a proposta capaz de realizar o contraponto em relação ao que vem sendo realizado com o que identificamos como sendo a EA Conservadora.

A proposta de uma EA Crítica vem há pelo menos 20 anos estruturando sua teoria e prática, com o objetivo de questionar a EA Conservadora, no entanto, esta ainda é a vertente mais desenvolvida nas escolas (GUIMARÃES, 2007). De acordo com Loureiro *et al* (2009) a EA atualmente, passa por um momento em que se evidenciam convergências e divergências entre essas vertentes conservadoras e críticas. Segundo os mesmos autores, esse pode ser um momento propício para um amadurecimento teórico e metodológico desta temática.

A partir da EA Crítica entendemos que os problemas ambientais e sociais que observamos no mundo, possuem uma origem em comum. Observar esses problemas numa realidade concreta (materialismo histórico), realizar reflexões em cima desses problemas e participar de movimentos que permitam uma ação coletiva é a práxis que buscamos.

Segundo Mészáros (2011), o sistema do capital utiliza a questão ecológica como condição de controle social, e para nós, esse controle social é evidente nas ações conservadoras de educação ambiental, desenvolvidas nas escolas. Desta forma uma EA Crítica deve revelar essas relações intrínsecas do sistema do capital que causam além da degradação socioambiental, meios de manutenção, através do controle social. E essas relações intrínsecas não são apontamentos ideológicos somente, elas se materializam nas relações que os homens constroem entre si e com a natureza; isso no capitalismo, sempre tem como base a manutenção: (1) do processo de mercantilização de tudo, (2) da exploração do trabalho e (3) da proteção da propriedade privada pelo Estado (BOMFIM, 2011).

Além da crítica marxista, a contribuição teórica da educação popular de Paulo Freire e da pedagogia crítica, nesse nosso desenvolvimento teórico e prático, relacionado a EA Crítica é importante de ser salientado. Especialmente o caráter político da pedagogia freireana relacionada aos processos de conscientização para a transformação da sociedade, através do seu método dialógico. De acordo com Freire (1996) a práxis é a “a teoria do fazer”, sendo esta a ação-reflexão e reflexão-ação simultâneas. Segundo Dias e Bomfim (2011) a compreensão uma “teoria do fazer” em EA Crítica, é possível a partir do aprofundamento da discussão socioambiental e da contribuição das ciências sociais.

Entendemos que a práxis em uma EA que se propõe crítica, deve ser capaz de realizar uma transformação social, pois em seu desenvolvimento tem a necessidade de expor as causas e não apenas as consequências dos atuais problemas socioambientais. Essa perspectiva crítica não se vale de análises reducionistas, descortina tendências ideológicas do sistema dominante, visa uma crítica ao próprio sistema e não apenas aos seus efeitos.

Metodologia: o desafio de fazer entrevistas com professores-referências

A pesquisa teve o objetivo de contribuir qualitativamente com a ampliação do campo teórico e prático da EA Crítica no Brasil, e foi baseada em uma coleta de dados indireta, a partir de pesquisa bibliográfica e através da documentação direta, com o uso da técnica de entrevista semi-estruturada a pesquisadores da EA Crítica no Brasil (LAKATOS e MARCONI, 1992).

A contribuição original do nosso trabalho foi a partir da realização das entrevistas a seis pesquisadores da vertente crítica da EA no Brasil, identificar os elementos indispensáveis a práxis de uma EA Crítica, e em cima desses elementos propor reflexões com o objetivo de evidenciar algumas características que deve possuir essa perspectiva de ação reflexão.

Inicialmente foram selecionados três pesquisadores: Philippe Pomier Layrargues, Mauro

Guimarães e Carlos Frederico Bernardo Loureiro; cujos critérios iniciais foram: (a) relevância de sua produção teórica dentro do campo da EA Crítica (de acordo com o levantamento bibliográfico pertinente que fizemos para início deste estudo); (b) a auto-identificação desses próprios pesquisadores (em passagens de seus textos) com a própria EA Crítica.

Posteriormente, cada um desses três pesquisadores indicou outro pesquisador igualmente relevante na área. As indicações ocorreram da seguinte maneira: (a) Philippe Pomier Layrargues indicou o Gustavo Ferreira da Costa Lima; (b) Mauro Guimarães indicou o Victor Novicki; (c) Carlos Frederico Bernardo Loureiro indicou a Michèle Sato

O contato inicial solicitando a concessão das entrevistas foi estabelecido previamente por e-mail, onde brevemente se realizou uma apresentação aos envolvidos na pesquisa, do projeto e dos seus objetivos gerais. As entrevistas seguiram um tema pré-definido sobre a práxis em EA crítica, norteadas por uma pergunta chave “quais os elementos da práxis de uma EA que se propõe crítica?” Visando combinar essa pergunta inicialmente aberta com outras perguntas a entrevista seguiu um padrão semi-estruturado (BONI; QUARESMA, 2005).

As entrevistas foram gravadas em áudio visando à obtenção de um registro completo da fala dos entrevistados, além da anotação das ideias centrais do pesquisador sobre o tema. Posteriormente o áudio foi transcrito e a análise da fala dos entrevistados seguiu a proposta de uma livre interpretação, com o objetivo de identificação dos elementos que compõem a práxis em uma EA que se propõe crítica.

A livre interpretação apesar de “livre” manteve uma sistematização, onde procuramos observar uma frequência de certas ideias e termos entre os entrevistados. O método se caracterizou por ser “livre”, porque não se tratou de um “survey”, mas uma pesquisa qualitativa com um grupo especial, que não somente é analisado, mas também analisa junto.

Resultados e Discussão: Em busca da práxis da EA Crítica

A maioria dos entrevistados destacou que o princípio de uma práxis em uma educação ambiental crítica, se relaciona de antemão ao entendimento da realidade socioambiental, que permite problematizar essa realidade:

Então tem uma série de elementos que constituem o que são os parâmetros para uma educação ambiental crítica, mas em essência ela te permite, vamos dizer não sei se em primeiro lugar, mas pra mim a grande questão está em você poder fazer uma análise da conjuntura, a partir de uma determinada ação, de uma prática, de um tema gerador, você poder problematizar a realidade. (Philippe Pomier Layrargues em entrevista)

[...] pensando a realidade de uma forma crítica para denunciar essa realidade nas suas injustiças, nas suas incongruências, nas suas contradições, então é algo que se aproxima da realidade, é buscar um entendimento da realidade é essa a perspectiva crítica, [...]
(Mauro Guimarães em entrevista)

Além de uma contextualização socioambiental, é importante destacar que uma EA que se propõe crítica em sua práxis, deve problematizar também a contextualização sócio-histórica que levou a construção da atual problemática socioambiental, refletindo os problemas através de uma perspectiva de historicizar todo esse processo:

[...] Um pressuposto importante da educação ambiental crítica é essa capacidade de questionamento e de historicizar e se situar historicamente os processos sociais e desnaturalizar aquilo que é apresentando pela sociedade, como é porque é, porque sempre foi assim e isso não é uma verdade, então os processos hoje em curso são processos historicamente construídos, são relações sociais que tem sujeitos nesse processo e que significa que grupos sociais se tornaram hegemônicos e dominantes ao longo da história [...] (Carlos Frederico Bernardo Loureiro em entrevista)

[...] *eu quero contribuir para que as pessoas compreendam que são sujeitos históricos, eu não estou apenas de passagem, eu gostaria de contribuir de alguma forma. Como? Eu sou o desafio dessa relação dialética entre a parte e o todo, [...]* (Victor Novicki em entrevista)

E é um processo histórico também, que não ocorre do dia para a noite, [...]. Então é possível então a educação discutir como que outras sociedades outras tradições viveram, como enfrentaram os mesmos problemas que nos hoje enfrentamos. (Gustavo Ferreira da Costa Lima em entrevista)

A desconstrução do que é entendido e classificado como temas e práticas em educação ambiental deve ser também uma ação quando se busca uma práxis em EA Crítica, pois, identificar e denunciar essas práticas reprodutivistas e hegemonicamente construídas é um norte importante, para a reconstrução de uma perceptiva mais crítica quando se desenvolve a EA.:

Cada vez mais eu vejo essa necessidade de que essa perspectiva crítica, ela para se afirmar, ela também precisa denunciar essa perspectiva conservadora [...]. Não uma denúncia que vai menosprezar as práticas que estão buscando ser feitas na escola, não uma perspectiva que busque diminuir o que está se tentando fazer, (mas) numa perspectiva que busque compreender as limitações disso, para buscar a superação delas [...] (Mauro Guimarães em entrevista)

Inclusive alguns temas que quase sempre são desenvolvidos dentro de uma perspectiva conservadora, como a questão do lixo e a questão da água, sob uma perspectiva crítica, podem ser trabalhadas de maneira mais questionadora, como apontam alguns pesquisadores:

[...] *Então quando você vai discutir a água, o que as pessoas querem discutir é que as pessoas fazem no seu dia-a-dia, se eu fecho a torneira, se eu tomo um banho de tanto tempo [...]. Sim, mas quem quer entender como essa água para chegar a esse uso individual ela passa, por um certo processo, ela passa por um processo de produção dessa água, captação, limpeza, purificação, distribuição [...]* (Carlos Frederico Bernardo Loureiro em entrevista)

Então ele lembrava um pouco essa ideia, vamos problematizar, se a gente está discutindo o lixo, não precisa saber que tem que fazer aterro sanitário e colocar direitinho as camadas, a gente tem que saber de onde que vem o lixo, porque as pessoas consomem tanto? Enfim a gente tem que tentar ir as causas, para que os educandos os alunos, as fichas possam ir caindo... (Gustavo Ferreira da Costa Lima em entrevista)

Outro elemento citado nas entrevistas é aquele que posiciona a práxis de uma EA Crítica como possuidora de um caráter coletivo e político:

Se for além, por exemplo, a gente não fala só de uma indução de comportamentos individuais, você no âmbito doméstico ou privado, mas também para a situação coletiva no âmbito público da esfera política, você está dando uma noção mais de completude. (Philippe Pomier Layrargues em entrevista)

[...] *em uma perspectiva crítica ai eu acho que a sua primeira pergunta responde, qual é a perspectiva socioambiental, ou seja, de incluir uma dimensão social, na questão ambiental que confere um posicionamento político [...]* (Michèle Sato em entrevista)

Ele seria exatamente uma tentativa de politizar essa relação sociedade - ambiente, ou seja, entender que ela não é uma relação neutra [...] Gustavo Lima em entrevista)

Apesar de nas entrevistas, os pesquisadores se posicionarem de maneira a não separar os movimentos teóricos e práticos, no que tange a práxis de uma EA que se propõe crítica, uma vez que esse movimento dialético e dialógico, entre si e entre a coletividade, em alguns momentos os pesquisadores deixam claro que existem algumas ferramentas metodológicas que podem ser utilizadas na práxis de uma EA Crítica, o diagnóstico socioambiental:

Eu pensei um pouco na sua pergunta e uma alternativa que não é assim nenhuma novidade, mas que eu acho interessante é você fazer um diagnóstico do entorno (diagnóstico socioambiental), seja da própria escola, seja do bairro por exemplo. Então,

por exemplo, o professor pode sair com os alunos, sair da sala de aula e ir conhecer o seu entorno, considerando essa relação sociedade e ambiente. (Gustavo Ferreira da Costa Lima em entrevista)

Quando eu falo diagnóstico eu estou propondo, bom levantamento de população, saneamento básico, água, lixo, transportes, as principais atividades econômicas daquele, bairro, daquela cidade, daquele país, um diagnóstico social socioambiental participativo [...] (Victor Novicki em entrevista)

Há aqueles que acreditam que qualquer prática em EA pode ser Crítica, desde que elas sejam contextualizadas com a realidade socioambiental, que seja um processo de construção e reflexão coletiva:

Todas as práticas de educação ambiental podem ser levadas à essa perspectiva, desde que os protagonistas do processo sempre tenham em mente de que àquele objeto que está sendo analisado, seja um tema gerador e não como uma atividade fim. (Philippe Pomier Layrargues em entrevista)

[...] importante não é a atividade consagrada como de EA, o importante é o processo pedagógico que você constrói que tem uma coisa efetiva e de aplicação imediata, mas que tem isso um sentido processual de construção e de reflexão coletiva.” (Carlos Frederico Bernardo Loureiro em entrevista)

Para além da crítica, baseada apenas na Teoria histórico crítica, alguns pesquisadores propõem que na EA devem ser considerados outros campos, que devem ir além de realizar apenas uma crítica ao sistema do capital, considerando algumas subjetividades relacionadas a emoções, elementos éticos e estéticos, vontades e motivações individuais de pertencimento, de participação nesses processos educativos, numa visão pós-crítica e fenomenológica, que considera inclusive outras formas de consciência e conhecimentos das populações tradicionais e elementos artísticos:

O que a gente assiste e o que a gente constata é que a ciência se coloca numa posição, como se fosse o único saber válido, e meio que descarta o religioso, o artístico, descarta o senso comum como uma coisa inferior [...] (Gustavo Ferreira da Costa Lima em entrevista)

[...] que tem a espiritualidade tem o sujeito em si, não apenas o sujeito coletivo, mas o sujeito individual tem o que ele acredita, tem o que ele acha, tem o que ele quer, e dependendo do que ele quer, então ele se associa ele se coletiviza, ele faz as relações. [...] (Michèle Sato em entrevista)

Foi interessante apreender, com a maior parte dos entrevistados, que o mais importante na EA Crítica é construir uma teoria e prática para além do imediatismo da EA Conservadora. Isso nos oferece alguns elementos importantes sobre a práxis da EA Crítica: (a) mais do que apontar erros e acertos do que seria uma EA legítima, seria entender a necessidade de se aprofundar sobre as causas de um problema ambiental e/ou sobre os limites de uma ação (que aparentemente parece correta); (b) que é interessante ter como contraponto uma EA Conservadora, porém, não para lhe apontar equívocos, sim para lhe apontar a sua opção de permanecer no mesmo patamar e superficialidade; e que (c) para isso é importante contextualizar o problema, considerando outros aspectos sociais, econômicos e políticos, como também avaliar o que realmente se tem alcançado (quanto aumento ou diminuição global da degradação ambiental) com algumas ações.

Considerações finais

Esperamos com essa pesquisa, para além da indicação de alguns elementos de práxis crítica em EA e das reflexões que propomos a partir de nossa discussão, que ela possa contribuir com a ampliação do campo sobre essa perspectiva crítica em EA.

Referências

- BOMFIM, A. M. Educação Ambiental para Além do Capital: balanço de estudos e alguns apontamentos à EA sob a perspectiva do Trabalho. Grupo de Pesquisa em Trabalho-Educação e Educação Ambiental – GPTEEA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ. . In: Trabalho Necessário, Rio de Janeiro, ano 9, n° 13. Edição especial. Rio de Janeiro, UFF, 2011.
- _____. Trabalho, Meio Ambiente e Educação: apontamentos à Educação Ambiental a partir da Filosofia da Práxis. In: XIV ENDIPE, 2008, Porto Alegre. XIV ENDIPE. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008 p.1-14.
- BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista em Tese Vol. 2, n° 1, janeiro-julho/2005 p. 68-80 disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf> acessado em Outubro de 2011.
- CHESNAIS, F.; SERFATI, C. “Ecologia” e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxistas. Crítica Marxista. n° 16. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.
- DELUIZ, Neise; NOVICKI, Victor. Trabalho, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: implicações para uma proposta de formação crítica. Boletim Técnico do SENAC, 30(2) maio/ago, p. 18-29, 2004.
- DIAS, B.C.; BOMFIM, A.M. A “teoria do fazer” em Educação Ambiental Crítica: uma reflexão construída em contraposição à Educação Ambiental Conservadora. VIII Enpec. Anais. Campinas: Abrapec, 2011.
- FOLADORI, G. Limites do desenvolvimento sustentável. Campinas: Unicamp, 2001.
- FOSTER, J. B. A Ecologia de Marx: materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Ed. Paz e Terra (coleção leitura), 1996.
- GUIMARÃES, M A formação de educadores ambientais. Campinas, SP: Papyrus (Coleção Papyrus Educação) 2007, 171 p.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A.M. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LAYRARGUES, P. P. Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução de um conceito? Revista Proposta, Rio de Janeiro, v. 24, n. 71, p. 1-5, 1997.
- LIMA, G. F. C. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL: Formação, identidades e desafios. Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 2011. v. 700. 249 p.
- LOUREIRO, C. F. B Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo, Cortez, 2004.
- LOUREIRO, C. F. B. ; Novicki, V. ; TREIN, E. ; Tozoni Reis . Contribuições da teoria marxista para a educação ambiental crítica. Cadernos do CEDES (UNICAMP), v. 29, p. 81-97, 2009.
- LÖWY, M. Ecologia e Socialismo. São Paulo: Cortez, 2005.
- MÉSZÁROS, I. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. Tradução Paulo Cezar Castanheira, Sérgio Lessa. 2ª Ed. Revista São Paulo: Boitempo, 2011.